



## EÇA DE QUEIRÓS JORNALISTA – E A IMPRENSA BRASILEIRA: ENCONTROS E DIÁLOGOS

Édima de Souza Mattos

FACOPP – Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”

UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

edima@unoeste.br

### Resumo

Este artigo objetiva mostrar como Eça de Queirós, o jornalista, dialogou com a imprensa brasileira. Escreveu para jornais brasileiros, contribuiu para projetar a imagem do Brasil no exterior e, ainda, influenciou muitos dos nossos escritores.

**Palavras-chave:** imprensa; contribuição; influência.

### Abstract

This article describes how the journalist Eça de Queirós dialogued with the Brazilian press, wrote for Brazilian newspapers, contributed to project Brazil's image to other countries, and influenced our writers.

**Key words:**

## 1 Introdução

A imprensa escrita desde seu advento aos dias atuais é considerada, por muitos, o poder máximo na sociedade. Há os que afirmam, ainda, que a mesma é o alicerce básico para formação e sedimentação de uma comunidade. Enquanto segmento de comunicação de massa, a imprensa exerce a aparente função de informar, explicar e orientar. Todavia, como dissemos é uma função aparente, pois subjacente a ela estão refletidas a ideologia, a educação, a função social e política que a mesma exerce. As funções precípuas à comunicação de massa impressa são determinadas pelo sistema social no qual a mesma se insere.

No primeiro capítulo, apresentaremos o literato-jornalista Eça de Queirós e, no segundo, sua colaboração à imprensa brasileira, a qual não só projetou a imagem do Brasil no exterior, bem como também, influenciou nossos escritores.

Para alcançar os objetivos propostos será usado o método da pesquisa bibliográfica das obras dos teóricos elencados na bibliografia, resgatando e interpretando as idéias básicas apresentadas pelos mesmos.

As considerações finais revelarão a opinião da autora sobre os temas

tratados e sobre esse ícone da literatura portuguesa – Eça de Queirós.

## 2 Eça, o Jornalista

É difícil separar as duas entidades: o Eça literário e o Eça jornalista. Elas formam uma simbiose perfeita. Este capítulo visa resgatar uma parcela do lado jornalístico do grande escritor português.

A relação intrínseca entre Eça de Queirós e o jornalismo se dá por duas vias: utilização do jornal para divulgação de sua produção literária e pela via do profissional eminente. Foi redator, diretor, cronista e correspondente de jornais para o Brasil.

Eça, o jornalista, ratifica-se pelas crônicas e pelas Correspondências de Fradique Mendes, que além de serem textos para jornal, resvalam entre a literariedade da crônica e a factualidade da notícia. São relatos de recortes da realidade que revelam um Eça polifônico, cujos recursos da alteridade e desdobramento são exercidos como estratégias de representação. Esses recursos aparecem em jornais do fim dos anos 60, como se Eça quisesse distanciar-se dos fatos para ratificar a imparcialidade que se deve ter em textos jornalísticos.

Reis afirma: "O mistério da Estrada de Sintra" é um relato publicado no Brasil como "Brinde aos assinantes do Diário de Notícias" (1874). Eça usa do recurso da estética do pormenor para relatar um caso humano, ilustrar um cenário social. Reis

afirma, ainda, que a obra é objeto de uma das cartas que compõe as Correspondências de Fradique Mendes endereçada a Oliveira Martins. Diante disso é fácil concluir que Eça utiliza-se de prerrogativas de ficcionista para firmar o jornalista que sempre foi.

Há dois momentos em que o Eça jornalista se afirma na trajetória de romancista: por meio das Correspondências de Fradique Mendes e nas crônicas.

Como cronista, Eça escreveu para o jornal, com um discurso coloquial, uma conversa íntima. As referidas crônicas tratam de assuntos diversos da sociedade ou de um povo, utilizando-se do recurso de narrador onisciente. Não apresentam uma sistematização, nem nexos aparentes, porém se derramam por todos os cantos da natureza, da cidade e da vida. Eça perpassa pela literatura com liberdade de seleção temática, com um discurso argumentativo, dialogista, mas apodítico.

Nessa trajetória, Eça atinge seu objetivo de transmitir determinada visão de uma sociedade. Para ele a vida social e a política são como um teatro onde se apresentam comédias da realidade. A fim de representar, por meio das letras, o cenário dessa realidade, Eça utiliza-se de uma grande dramaticidade, sem se esquecer do cômico. Ele vê a crônica como um jornalista: expressão caricatural que fere a retina do leitor pela ousadia, ironia e coragem de intrometer-se na vida

alheia. Cumpre bem a missão de “inquiridor” do seu tempo. Portugal, na época de Eça, apresentava uma sociedade de traços inconsistentes, tanto na religião, como na moral e na política. A literatura e a arte estavam sofrendo os males da estagnação político-econômica pela qual passava o país. Havia, ainda, uma dissolução dos costumes e decadência da família lisboeta. Esse quadro social fornecia fartos elementos para uma crítica-reflexiva que Eça aproveitou muito bem em suas crônicas, principalmente em “A Farpas”. Desenvolveu, assim, o projeto formulado pelas Conferências do Cassino.

Investigar como a sociedade é, e como ela deve ser; como as nações têm sido, e como pode fazer hoje a liberdade; e, por serem elas as formadoras do homem, estudar todas as correntes do século (REIS, p.19,2002).

A imprensa escrita sempre foi o berço de Eça. Através dela tomamos contato com suas primeiras manifestações literárias. Esse casamento rendeu ao escritor funções na imprensa, como diretor, redator, correspondente de vários jornais internacionais – Brasil, Inglaterra e França (Paris). Não se limitou a apenas exercer a função de jornalista, como também, divulgou uma teoria sobre a importância do jornalista para a sociedade. Preocupou-se com as

maneiras de desenvolvimento da imprensa de periódicos. Para ele, o jornalista tinha que sugerir e buscar opiniões, ir além da informação.

Informar, interpretar, atuar e também intervir são apresentados como deveres fundamentais para que se assegure plenamente a realização das principais funções da imprensa: esclarecer e guiar os espíritos e os governos, ser grande construtora do futuro, desempenhando, assim, um papel de capital importância na vida política, moral, religiosa, literária, e industrial do país (MINÉ, 2000, p.24).

Os preceitos da mídia impressa, hoje, são os mesmos defendidos por Eça há um século atrás. Porém, sabemos que a maioria dos órgãos de imprensa não os segue. A filosofia capitalista vê a notícia como mercadoria, quem paga mais, mais se projeta.

Mesmo perfilando a filosofia da imparcialidade, Eça deixa antever em seus artigos jornalísticos aquele que vê pelos olhos do leitor. Conduz à crítica e reflexão, descortina um painel da sociedade, mesmo quando não se integra à imposição do texto jornalístico. Para isso, vale-se de um leitor vago, indeterminado. Essa descontextualização permite que o “dito” atinja públicos, espaços e tempo indeterminados. Nessa linha de produção, o seu texto exige que o leitor

seja competente, a fim de interpretar e criticar com qualidade. Podem-se citar como exemplo, os textos enviados da Inglaterra para o Brasil, em 1892 e 1893. Os mesmos não se enquadram nos moldes do jornal informativo, pois há o direcionamento para um leitor vago, qualquer. Este traço queirosiano exemplifica a afirmação da “quase” impossibilidade de separar o literato do jornalista. De outro lado, muitas de suas obras literárias possuem um rasgo histórico, numa linguagem referencial, com espaço e tempo definidos.

Os textos queirosianos de imprensa, principalmente os enviados para a Gazeta de Notícias, no Brasil, não possuem diferentes restrições estilístico-temáticas, pois dependiam da seção a que se destinavam, as quais variavam muito. Eça, também, não se preocupava com o fator prazo e espaço. O que importava para ele eram os efeitos a que se pretendia que fossem exercidos nos leitores, bem como a imagem que os mesmos tinham dele. Perpassava do comentário ao relato, quer fosse um comentário como um artigo, crônica, carta, coluna, ou um relato-reportagem, entrevista, notícia, etc. O mais importante é que Eça exercia as duas principais propostas do texto jornalístico: opinião e informação. Isso ele realizava com maestria e credibilidade, utilizando o



gênero de discurso que melhor estabelecesse a ponte entre locutor e alocutário. O seu jornalismo possuía nível, brilho e qualidade. Era um laboratório da palavra para muitos escritores brasileiros, pois os textos revelavam sensível eficácia literária.

Da evocação desdobrada das múltiplas tarefas de que incumbirão os colaboradores, emerge, assim, uma imagem de jornalista. Uns poucos traços: há-de ser “áspero, disciplinado, de bom gosto” porque o trabalho é hercúleo, arquejante, dedicado (MINÉ, 1990, p.164).

Eça jornalista foi áspero, disciplinado em suas Correspondências de Fradique Mendes, porém, com extraordinário bom gosto no tratamento dos temas. Utilizou-se de uma linguagem referencial mesclada com certo romantismo, como nas cartas à Clara. Era um auto-crítico de suas produções. Há em cada uma a marca do verdadeiro, da crítica, do argumentativo, do propósito jornalístico e sobretudo da arte de “dizer”.

Segundo Elza Mine, os textos de Eça possuem a revelação de um desejo, a veiculação de uma proposta, ou ainda, a instalação de uma utopia.

### **3 Eça e a Imprensa Brasileira: Diálogos e Encontros**

Eça surge na imprensa do Brasil, não só como colaborador estrangeiro, mas também como articulista da sociedade brasileira e espelho para nossos escritores. Seus textos constituíam mananciais onde nossos autores bebiam e se nutriam de inspirações para criação literária. Como articulista, cronista e correspondente sugeriu a preocupação em firmar o papel do jornalista na sociedade.

A primeira colaboração de Eça para a Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro) vem publicada em 24 de janeiro de 1880. Em 1887 aparece a publicação de “A Relíquia”. Em 1888, temos o capítulo final de “Os Maias” e algumas Cartas de Fradique Mendes. Entre 1880 e 1897, Eça escreve centenas de páginas para a Gazeta de Notícias, divididas em dois momentos: 1880 a 1882 e de 1892 a 1897.

Embora distantes fisicamente da Europa, os brasileiros se interessavam pelas publicações pois traziam informações principalmente da França, Inglaterra e Portugal. Ofereciam-lhes oportunidade de interpretar os fatos, conhecer e copiar hábitos, etc., que poderiam influenciar a nação brasileira. Eça escrevia textos opinativos e deixava marcas de sua avaliação e julgamento. Além das informações, as crônicas queirosianas forneciam dados do espírito de um autor que servia de molde para os jovens escritores

brasileiros. Ele demonstrou preocupação em decifrar, interpretar e selecionar as informações para que as mesmas encontrassem terreno fértil em solo brasileiro.

Os donos de jornais sabiam que manter um correspondente internacional elevava o nível dos mesmos. O jornalismo de Eça, além do caráter opinativo e interpretativo, apresentava a particularidade de unir o factual ao ficcional. Haja vista as cartas de Fradique Mendes.

Na perspectiva de jornalismo opinativo Eça faz críticas ao Brasil, talvez por influência de seus amigos brasileiros. Isso acontece, na carta a Eduardo Prado. (Paris, 1888).

É indiscutível que além de manter os brasileiros informados sobre os acontecimentos além-mar, Eça, também, projetava a imagem do Brasil, no exterior.

Em janeiro de 1892, A Gazeta publica o primeiro “Suplemento literário” sob a responsabilidade de Eça de Queirós. O suplemento foi considerado, por Eça, um projeto para o Brasil e para ele a Gazeta era um dos principais jornais do Brasil.

O Suplemento contemplava um resumo do movimento cultural de Portugal, abrangendo literatura, ciências, aspetos sociais, mundanos, entre outros. A sessão “O Brasil na Europa” aparece nos três

primeiros números e projeta o nome do Brasil no exterior. Com o suplemento, o leitor brasileiro teria conhecimento do movimento literário e artístico da Europa. Era a ponte para a civilização.

A estrutura do suplemento era semelhante a das grandes revistas. Reservava um bom espaço às artes plásticas, à música e à criação literária.

Os textos de imprensa de Eça publicados na Gazeta de Notícias, ultrapassaram a cem. Em carta a Oliveira Martins, Eça disse da sua intenção de publicar as “Fradiquices” no jornal Repórter (Lisboa) e na Gazeta.

A publicação das Fradiquices e das crônicas, na Gazeta de Notícias, valeu não só por enriquecer a imprensa nacional, como também, para trazer para os brasileiros um modelo jornalístico que possuía a maestria a linguagem. Além disso, as cartas de Fradique Mendes descortinam um Eça crítico, hercúleo, porém lírico.

Como jornalista e correspondente de um jornal brasileiro, Eça escreveu ao amigo Eduardo Prado uma carta que serviu para reflexão sobre nossas mazelas daquela época e das atuais, embora escrita há mais de um século. Há trechos que balançam nosso sentimento nacionalista e até de indignação, ao perceber que pouco mudamos e que muito se há por fazer.



Numa análise sócio-ideológica das idéias expostas na referida carta, somos obrigados a concordar com Eça. Realmente, os nossos governantes, com nossa anuência, fundaram uma civilização capitalista, escravocrata, dominadora cujos reflexos estamos vivendo hoje.

Quando Eça afirma que deveríamos nos livrar dos “ismos” temos que, mais uma vez, concordar. A aldeia global nos sufoca e dirige os destinos da nação que se diz livre (?). Copiamos sim, a civilização européia e, o pior, dependemos dela. As grandes indústrias que se instalam e prosperam, no Brasil, são multinacionais. Os ismos nos governam: industrialismo, mercantilismo, capitalismo, dolarismo, conforme afirma Eça, em sua correspondência a Fradique. A carta de alforria da Independência, tal como a carta de alforria da escravidão negra não resolveu, até hoje, a dependência do Brasil em relação a outros países.

Há muito que se comentar sobre esta carta de Eça que ilustra a importância de sua contribuição para a imprensa e nação brasileira, como já citado.

Outro aspecto importante é a influência que Eça exerceu em nossos escritores. De José de Alencar a Machado de Assis, Graciliano Ramos,

a Carlos Heitor Cony e muitos outros utilizaram-no como espelho.

Manuel Bandeira foi um estudioso de Eça e escreveu, entre outros, o artigo “Correspondência de Eça para a Imprensa brasileira”, que integra a obra “Livro do Centenário de Eça de Queirós” de Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys, tal a influência que sofreu deste escritor-jornalista.

Antônio Cândido, professor e crítico reconhece que Eça de Queirós exerceu influência na formação literária e política de muitos autores e pensadores brasileiros, com maior ênfase nos de sua geração.

Feitosa, no artigo “A recepção crítica de Eça de Queirós/Fradique Mendes no Pré-Modernismo Brasileiro: Jornal Paulistano O Pirralho (1911-1917) (p.860), cita Ribeiro Couto (1945, p.697).

Que é que nós rapazes de São Paulo em 1915 admiramos mais em Eça de Queiroz? (...) porque razão dedicávamos tão ardente devoção? (...) . Ainda que a vida me haja aberto outros caminhos, outras leituras (...) o que me veio de Eça de Queiroz ficou; está intacto”.

Feitosa cita, ainda, que os textos de Eça influenciavam no cotidiano, nos ambientes, nas atitudes

e até nos cacoetes de linguagem das personagens.

Benjamim Abdala Junior (p.89, 2000) realiza uma análise comparativa mostrando a aproximação entre Graciliano Ramos e Eça de Queirós. Abdala faz uma incursão nas obras do autor brasileiro, Caetés, Angústia, São Bernardo, Vidas Secas e realiza uma análise crítico-descritiva das personagens, linguagem e contexto desses romances e dos romances queirosianos. Destaca O Primo Basílio, A Relíquia, Ilustre Casa de Ramires e outros.

#### 4 Considerações Finais

Não se pode omitir a importância da imprensa na formação político-social do povo brasileiro. Ao resgatar a história da imprensa no Brasil, certifica-se, embora com resquícios de subserviência, que ela representou uma bandeira de luta, ao longo da nossa história.

Jornais foram perseguidos, periódicos nasciam e feneciam, porém a imprensa, ou seja, seus líderes continuavam a marcha. Em todos os momentos de agitação sócio-político-econômicos a imprensa esteve presente. Dela nasceram grandes “monstros” da luta pró-sedimentação da liberdade e da democracia no país. O “bailado” da censura sempre colocava alguns jornais na “dança”;

eram fechados, invadidos e até incendiados. É admirável a tenacidade de muitos porta-vozes da democracia brasileira.

De artesanal a grande indústria, hoje, a imprensa brasileira é um império. Possui a força de colocar e tirar governantes do poder. Ajuda a mudar os rumos de uma nação. Manipula multidões.

Num dos momentos mais conturbados da nação e da história da imprensa brasileira, surge Eça de Queirós.

Muito se tem escrito sobre Eça de Queirós. Porém, cada vez que se debruça sobre suas produções brotam idéias que suscitam pesquisas sobre esse extraordinário escritor português, atemporal.

Confesso que ao descobrir o Eça jornalista, vislumbrou-me um oceano de indagações sobre esse tipo de produção do autor, a qual ainda não havia pesquisado.

Conclui que pesquisar sobre Eça é mergulhar numa fonte inesgotável de cultura e depende só do recorte que se deseja fazer na vida e na produção desse autor.

Neste artigo, objetivei pesquisar sobre a presença de Eça na imprensa brasileira, sua contribuição e influência exercida nos nossos escritores.

Os textos queirosianos de imprensa demonstraram que, embora

sejam classificados como jornalísticos, apresentam uma simbiose entre factualidade e ficção. A arte imitando a vida.

É necessário lembrar quando Eça surgiu no cenário brasileiro: movimentos republicanos e abolicionistas agitavam o país. A sua contribuição jornalística constituía uma oportunidade de leitura especializada, interessante, crítica, compromissada com problemas sociais. Neste momento, o jornal já cedia lugar à literatura. A relação literatura e imprensa estava consolidada.

Analisando a história da imprensa brasileira no momento da chegada de Eça, verificamos que havia em circulação vários periódicos que se ocupavam dos mesmos assuntos: abolição e república. Com exceção da grande imprensa, muitos tiveram vida efêmera. As correspondências de Eça de Queirós enriqueceram não só um grande jornal, a Gazeta de Notícias, mas toda a imprensa brasileira.

A estética do pormenor, a linguagem argumentativa, o fenômeno heteronímico (?), a temática sócio-ideológica e muitos outros aspectos relevantes da produção desse autor, motiva seus leitores à pesquisa, no intuito de decifrar: na realidade quem foi Eça? Um pensador do século XIX? Um inquiridor da sociedade do seu e do

nosso tempo? Um intérprete da sociedade? Uma alma inquietante?

Creio que foi tudo isso. Os textos de imprensa apresentados na Correspondência de Fradique Mendes descortinam um Eça de ontem que vivia o hoje e projetava idéias sócio-ideológicas para o futuro, ou seja, um atemporal.

A polifonia estético-ideológica e o processo heteronímico encetado por meio de Fradique enredam-nos na trama queirosiana. Sim, as cartas de Fradique constituem um universo onírico devido à variedade de temas, à linguagem argumentativa e, às vezes, romântica como nas cartas à Clara.

Em todas as cartas que compõem a Correspondência de Fradique Mendes, há um espaço para o leitor, por meio das interrogações, reticências, exclamações, do narrador-personagem da estética do pormenor e de tantos outros recursos de escrita que prendem o leitor ao texto, tornando-o cúmplice do autor. Mesmo quando Eça faz críticas contundentes ao Brasil, o leitor estabelece um diálogo com ele e o texto, acatando o discurso apodítico. Há, claramente, uma preocupação com a estética da recepção.

O presente artigo não teve a pretensão de esgotar o assunto enfocado, mas apenas motivar à

pesquisa sobre este literato-jornalista, atemporal.

## Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamim. (org.) **Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas.** São Paulo: SENAC, São Paulo, 2000.

ABDALA JUNIOR, Benjamim; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa.** São Paulo: Ática, 1982.

CONGRESSO DE ESTUDOS QUEIROSIANOS, 4.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS, 1., 2000, Coimbra. *Actas...* Coimbra: Almedina; Instituto de Língua e Literatura Portuguesas / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002. 2v.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS: *Eça e Os Maias*, 1., 1988, Porto. *Actas...* Rio Tinto: Edições Asa, 1990.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa.* São Paulo: HVF Arte & Cultura; CERED/UNIP, 1995. (Universidade aberta, 6).

MINÉ, Elza. *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.

-----, CAVALCANTE, Neuma. *Textos de Imprensa.IV* (da *Gazeta de Notícias*) in Edição Crítica das obras de Eça de Queirós – Textos de Imprensa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

MELLO, Cristina. *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários.* Coimbra: Almedina, 1988.

NUNES, Luiz Antônio Rizzato. *Manual da Monografia.* São Paulo: Saraiva, 2000.

REIS, Carlos. *Estudos queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra.* Lisboa: Presença, 1999.

----- *Estatuto e Perspectiva do narrador na ficção de Eça de Queirós.* Coimbra: Almedina, 1975

SANTANA, Maria Helena. Crônica, crítica de costumes e sátira social, in *História da Literatura Portuguesa: o realismo e o naturalismo.* Carlos Reis (org.). Lisboa: Alfa, 2001. v.5.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão.** Tensões Sociais e Criação Cultural na primeira república. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.